

# Comportamento Semanal de Mercado

16 a 23 de agosto



## Chegou a hora...

No Simpósio anual de Jackson Hole, Jerome Powell assinalou que, diante do processo de convergência da inflação à meta e do desaquecimento do mercado de trabalho, “chegou a hora de ajustar a política monetária”. Contudo, o momento e o ritmo dos cortes na taxa básica de juros dependerão da evolução dos dados. Esse cenário foi subsidiado pela ata do Comitê de Política Monetária (Fomc) do Federal Reserve (Fed) que considerava, apesar da decisão unânime por manter os juros entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a., como plausível uma redução na taxa dos *Fed Funds* ainda na última reunião.

Sedimentada as perspectivas de que o ciclo de afrouxamento monetário começará em setembro, a busca por ativos de risco ganhou força na semana. Como consequência: os rendimentos dos *Treasuries* recuaram; os principais índices acionários acumularam ganhos; e o dólar perdeu força no mercado global de moedas. Consequentemente, a ferramenta *FedWatch* do CME Group em 23/08 mostrava como majoritária a aposta de corte de - 0,25 p.p. nos juros básicos em setembro (64,0%). Contudo, houve um aumento nas chances de uma redução mais agressiva até o final de 2024.

Na semana que se adentra, os números de renda e gastos pessoais dos norte-americanos, em julho, darão novas pistas sobre a força do consumo, em um cenário de revisão baixista nos dados de emprego e incertezas sobre o tamanho do ajuste monetário.

Com o Banco Central (BC) manifestando forte incômodo com a desancoragem das expectativas, a mediana das projeções no Boletim Focus para o IPCA para 2025 aumentou de 3,91% para 3,93% e a de 2026 permaneceu em 3,60%. No que tange à atividade econômica, a mediana para expansão do PIB em 2024 saiu de 2,23% para 2,43%. Porém, com o alongamento do prazo de manutenção da taxa básica de juros em patamar restritivo e uma possível elevação da Selic, a estimativa para 2025 recuou de 1,89% para 1,86%.

Mesmo com a melhora na percepção de risco, a aposta de aumento na Selic na reunião de setembro é majoritária no mercado de opções digitais da B3, com a probabilidade de uma alta de 0,25 p.p. em 42,5% e a de uma elevação de 0,5 p.p. em 22,5%. Apesar das sinalizações do BC que está à mesa uma elevação na Selic ainda 2024 e a crença do mercado que ocorra já na reunião de setembro, a mediana das projeções para o final de 2024 continuou em 10,50% a.a..

Do lado real, a expansão da massa salarial e a lucratividade das empresas foram refletidas nos números da arrecadação federal, com uma elevação real de 9,15% no acumulado do ano até junho, em relação ao registrado no mesmo período de 2023. Ganho impulsionado também pelas medidas governamentais, como a reoneração dos impostos sobre os combustíveis e a limitação do uso de compensações tributárias pelas empresas. Ainda, com a retomada da produção industrial, do emprego e do faturamento, a confiança do empresário industrial voltou ao campo que indica otimismo (51,7 pts.), ajudando a criar um ambiente favorável para os investimentos, embora o setor ainda enfrente desafios.

Ainda na semana, a agenda de indicadores traz dados do IPCA-15 e IGP-M de agosto, mercado de trabalho, estatísticas fiscais e de crédito de julho deve atualizar o balanço de riscos para a inflação. Lá fora, além do PCE, destaques para o PIB e confiança do consumidor nos EUA; inflação ao consumidor e confiança do consumidor na Zona do Euro, e PMI manufatura e serviços na China.

## Expectativas

As projeções para a expansão do PIB e a inflação, relatadas no Boletim Focus, continuaram ajustando-se ao dinamismo da atividade maior do que o esperado e ao recrudescimento das incertezas macroeconômicas.

No curto prazo, a mediana das projeções para o IPCA de agosto recuou de 0,10% para 0,05%, a de setembro passou de 0,23% para 0,27% e a de outubro permaneceu em 0,30%. Assim, o IPCA esperado para 2024 aumentou de 4,22% para 4,25% (4,10% há 4 semanas). Dentro do horizonte relevante para a política monetária, o indicador para 2025 aumentou de 3,91% para 3,93% (3,96% há 4 semanas) e o de 2026 há 12 semanas permanece em 3,6%.

Com a redução nos prêmios de risco, a curva da inflação implícita, construída com base nos preços das NTN-Bs, indicou quedas na semana de 4,60% para 4,51% no prazo de 1 ano, de 4,74% para 4,68% no de 2 anos e de 4,88% para 4,86% no de 3 anos.

Apesar das sinalizações do BC que está à mesa uma elevação na Selic ainda 2024 e as fortes apostas de mercado que ocorra já na reunião de setembro, a mediana das projeções do mercado para o final de 2024 continuou em 10,50% a.a., o mesmo patamar verificado nas últimas 10 semanas. Para 2025, a projeção continuou em 10,00% a.a. (9,50% a.a. há 4 semanas). Já para 2026, a expectativa subiu de 9,00% a.a. para 9,50% a.a. (9,00% há 4 semanas).

No que tange à atividade econômica, a mediana para expansão do PIB ao final de 2024 apresentou um acréscimo significativo na semana, saindo de 2,23% para 2,43% (2,19% há 4 semanas). Porém, com a conjugação do alongamento do prazo de manutenção da taxa básica de juros em patamar restritivo e uma possível elevação da Selic, a estimativa para 2025 recuou de 1,89% para 1,86% (1,94% há 4 semanas). Há 55 edições, a projeção para 2026 permanece estável em 2,00%.

No que se refere à taxa de câmbio, não houve grandes modificações nas medianas das projeções de mercado na semana. Para o final de 2024, a taxa de câmbio passou de R\$/US\$ 5,31 para R\$/US\$ 5,32 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas), enquanto para 2025 manteve-se estável em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,25 há 4 semanas) e para 2026 em R\$/US\$ 5,25 (R\$/US\$ 5,25 há 4 semanas).

Por fim, houve alguma piora nas expectativas para os resultados das contas fiscais. A projeção do déficit primário para 2024 passou de -0,64% para -0,65% do PIB (-0,70% há 4 semanas) e para 2025 de -0,70% para 0,77% do PIB (-0,70% há 4 semanas). Para 2026, a expectativa mostrou estabilidade em -0,50% do PIB (-0,53% há 4 semanas) e variou de -0,30% para -0,40% do PIB para 2027 (-0,31% há 4 semanas).

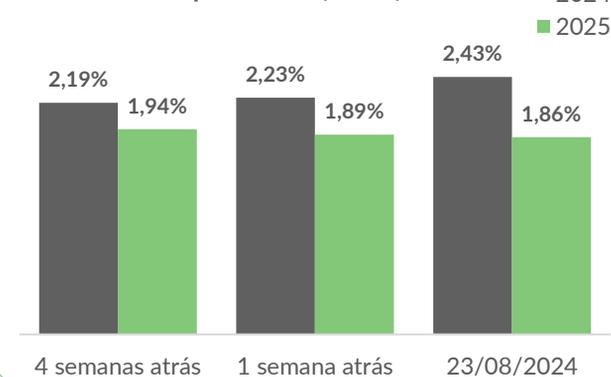
### IPCA

Mediana das expectativas (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	23/08/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
ago/24	0,05	0,10	0,12
set/24	0,27	0,23	0,20
out/24	0,30	0,30	0,30
2024	4,25	4,22	4,10
2025	3,93	3,91	3,96
2026	3,60	3,60	3,60

### PIB

Mediana das expectativas (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

## EUA

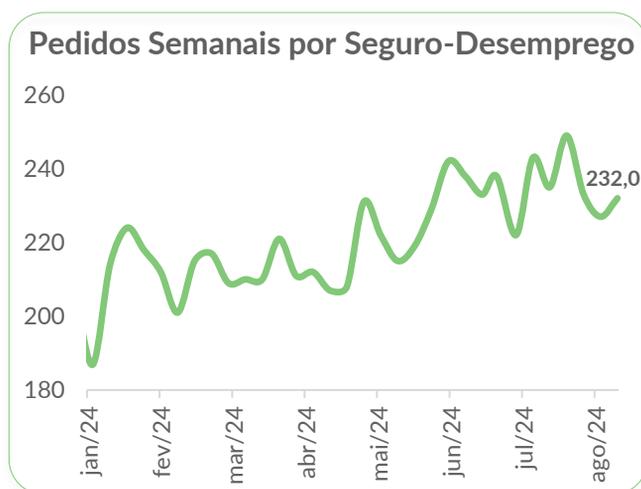
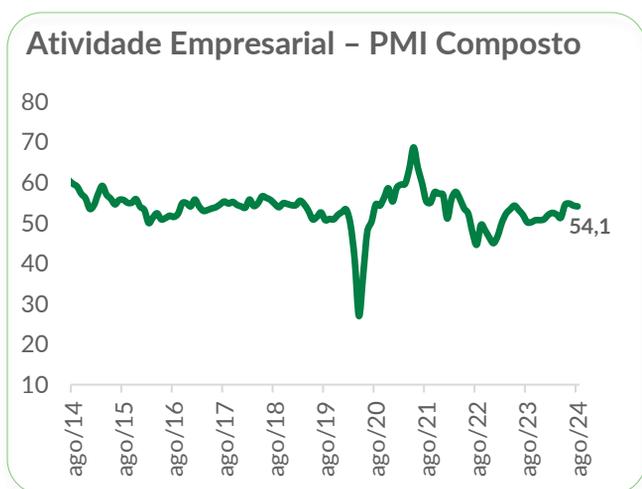
Em discurso muito aguardado para o Simpósio de Jackson Hole, Jerome Powell sublinhou que “chegou a hora de ajustar a política monetária”, reconhecendo o processo de convergência da inflação à meta e o desaquecimento do mercado de trabalho. Reiterou que o balanço de riscos, que compreende os mandatos de estabilidade de preços e pleno emprego, ficou mais equilibrado para ambos os lados. Entretanto, o momento e o ritmo dos cortes na taxa básica de juros dependerá da evolução dos dados. Powell enfatizou, ainda, que a política monetária restritiva praticada pelo Fed ajudou a restaurar o equilíbrio entre oferta e demanda agregada, aliviando as pressões nos preços e assegurando a ancoragem das expectativas inflacionárias.

Subsidiando esse diagnóstico, a ata da última reunião do FOMC indicou que: (i) a atividade econômica continuou avançando de forma sólida no 1º semestre, ainda que em um ritmo mais lento do que a média de 2023; (ii) a inflação caminhou em direção à meta de 2,0%; e (iii) o mercado de trabalho desaqueceu. Esse conjunto de fatores aumentou a confiança dos membros do comitê no cumprimento das metas de estabilidade de preços e pleno emprego. Consequentemente, caso os indicadores continuassem na trajetória esperada, a maioria dos membros julgava apropriada a flexibilização da política monetária a partir da reunião de setembro.

Reforçando o quadro de arrefecimento do mercado de trabalho, o número de empregos criados em 12 meses até mar/24 foi revisado de 2,9 milhões para 2,1 milhões, reduzindo a média mensal de vagas geradas de 246 mil para 178 mil, sugerindo uma desaceleração do mercado de trabalho maior do que a esperada. Adicionalmente, os pedidos semanais por seguro-desemprego cresceram ligeiramente em 4 mil, para 232 mil solicitações, na semana finda em 17 de agosto (230 mil na Reuters).

Em agosto, a atividade empresarial desacelerou para o menor patamar em 4 meses, com as empresas ainda tendo dificuldade em repassar os preços mais altos aos consumidores, elevando a probabilidade de manutenção do processo desinflacionário. De acordo com a S&P Global, o índice de gerente de compras (PMI) composto dos setores industrial e serviços passou de 54,3 em jul/24 para 54,1.

Revertendo 4 meses consecutivos em queda, as vendas de moradias usadas cresceram 1,3% na margem em julho, atingindo uma taxa anual ajustada sazonalmente de 3,95 milhões de unidades. Em consonância, as vendas de casas novas cresceram 10,6% em igual período, para o ritmo anual sazonalmente ajustado de 739 mil unidades. O cenário amplia as expectativas de que a atividade possa se recuperar nos próximos meses, em caso de melhora na oferta e redução das taxas de juros das hipotecas.



Fonte: Bloomberg.. Elaboração ABBC

## Economia Internacional

Em linha com o consenso, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) na Zona do Euro acelerou de 2,5% a.a. em jun/24 para 2,6% a.a. em julho. As contribuições para o indicador foram: serviços (+1,82 p.p.); alimentos, álcool e tabaco (+0,45 p.p.); bens industriais não energéticos (+0,19 p.p.); e energia (+0,12 p.p.).

Desconsiderando-se os preços de energia e alimentos, o núcleo do CPI avançou 2,9% a.a. em julho, confirmando a estimativa inicial e mantendo a variação de jun/24. Os números reforçam as expectativas de que o Banco Central Europeu (BCE) seja cauteloso no processo de afrouxamento monetário, apesar da debilidade da atividade.

Surpreendendo positivamente, a leitura preliminar do PMI composto da Zona do Euro saltou de 50,2 em jul/24 para 51,2, afastando-se da marca de 50 que é o limiar para o terreno expansionista. Contudo, o impulso deve ser visto com ressalva, pois o desempenho positivo pode ser temporário, influenciado pelo aumento na atividade de serviços da França com as Olimpíadas.

Por sua vez, a confiança do consumidor da região decresceu para -13,4 pts. na prévia de agosto, ante -13,0 pts. em jul/24, número ligeiramente pior do que o esperado (-13,3 pts. na FactSet).

Diante da crescente fraqueza da demanda doméstica, sobretudo no mercado imobiliário, o Banco Central da China manteve as suas taxas referenciais para empréstimos (LPRs) em 3,35% a.a. para 1 ano e em 3,85% a.a. para 5 anos, após terem sido reduzidas em 0,10 p.p. em julho.

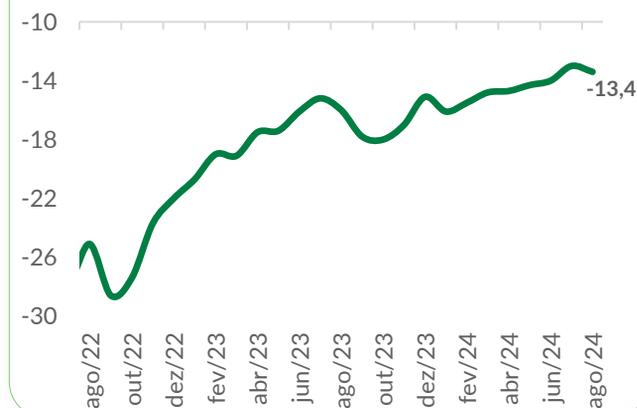
### Zona do Euro – Inflação ao Consumidor Variação anual



### Zona do Euro – PMI Composto



### Zona do Euro – Confiança do Consumidor



Fonte: Bloomberg.. Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

Na semana, a busca por ativos de risco ganhou força com o fortalecimento da percepção dos investidores de que chegou a hora do início do ciclo de flexibilização monetária nos EUA. O cenário de que o processo seja iniciado em setembro ganhou tração após a ata da reunião de política monetária do Fed e pelo discurso de Jerome Powell no Simpósio de Jackson Hole, reconhecendo o processo de convergência da inflação à meta e o desaquecimento do mercado de trabalho.

Na sexta-feira (23/08), a ferramenta FedWatch do CME Group indicava, como aposta majoritária, o corte de -0,25 p.p. nos juros básicos pelo Fed em setembro (64,0%). Contudo, aumentaram as chances de uma redução mais agressiva até dezembro. Assim, a probabilidade de que a taxa encerre 2024 na faixa entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a. aumentou de 42,3% em 19/08 para 43,9% e entre 4,00% a.a. e 4,25% a.a. de 13,6% para 27,1%.

Na esteira, o retorno dos *treasuries* recuou no período, com o índice de 2 anos passando de 4,06% a.a. para 3,90% a.a., o de 5 anos de 3,77% a.a. para 3,65% a.a., o de 10 anos de 3,89% a.a. para 3,81% a.a. e o de 30 anos de 4,15% a.a. para 4,10% a.a..

Com a menor aversão ao risco, os principais índices acionários acumularam ganhos na semana: 1,45% no S&P 500; 1,40% na Nasdaq; 1,27% no Dow Jones; 1,70% no DAX 40; 0,20% no FTSE 100; e de 0,79% no Nikkei 225. Em meio às preocupações com o baixo dinamismo da economia da China, o índice Xangai recuou em -0,87%,

Já o enfraquecimento do dólar impulsionou a cotação das *commodities* metálicas. O preço do minério de ferro aumentou 3,23% na semana, enquanto o da saca de soja na bolsa de Chicago mostrou acréscimo de 1,41%. Em um cenário composto pelos temores quanto à demanda na China e pelas crescentes tensões geopolíticas no Oriente Médio, a cotação do petróleo tipo Brent recuou -0,83%, para US\$ 79,02.

O Ibovespa encerrou a semana com alta de 1,24%, impulsionada por ações da Petrobras, do setor bancário, além de papéis ligados à economia doméstica. Por fim, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -9,66 bps. no período, para 143,24 bps..

### Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
		23/08/2024	Semana	Mês
Bovespa	135.608	1,24%	7,12%	15,88%
Nasdaq	17.878	1,40%	-0,66%	32,78%
S&P	5.635	1,45%	1,42%	28,75%
Dow Jones	41.175	1,27%	2,02%	20,75%
FTSE 100	8.328	0,20%	1,96%	13,56%
DAX 40	18.633	1,70%	0,41%	19,28%
Nikkei 225	38.364	0,79%	-3,11%	18,82%
Xangai	2.854	-0,87%	-2,09%	-7,39%

### T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Câmbio

Acompanhado a sinalização de queda de juros nos EUA, o dólar perdeu força no mercado global de moedas. O índice DXY, que mede o desempenho do dólar ante uma cesta de 6 divisas dos países desenvolvidos, fechou em baixa de -1,70% em 100,72 pts., com as contribuições das apreciações de 1,47% do euro e 2,21% do iene. A valorização de 2,04%, da libra esterlina contou com o impulso adicional dos comentários do presidente do Banco da Inglaterra (BoE), Andrew Bailey, sugerindo que pressões inflacionárias deverão manter as taxas de juros restritivas por um tempo prolongado.

Em consonância, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas dos países emergentes em relação ao dólar aumentou 0,20%, para 46,21 pts.. Destaque para as apreciações de 0,95% do rand sul-africano, de 0,06% do peso colombiano e da rupia indiana. Por sua vez, o peso mexicano depreciou-se em -2,53%, o rublo russo em -2,12% e o peso argentino em -0,48%.

Com desempenho pior do que a média de seus pares, o real depreciou-se em -0,27% em relação ao dólar, fechando cotado a R\$/US\$ 5,49. No mês, contudo, a divisa brasileira se apreciou 2,88% ante o dólar. Ainda, o BC manteve sua atuação no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimentos em 01/10/2024.

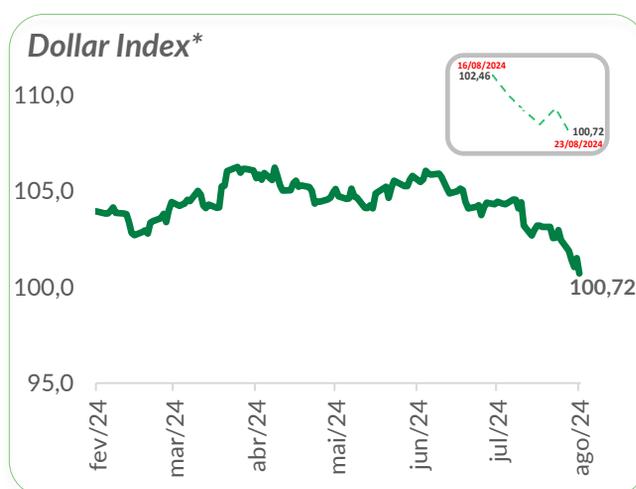
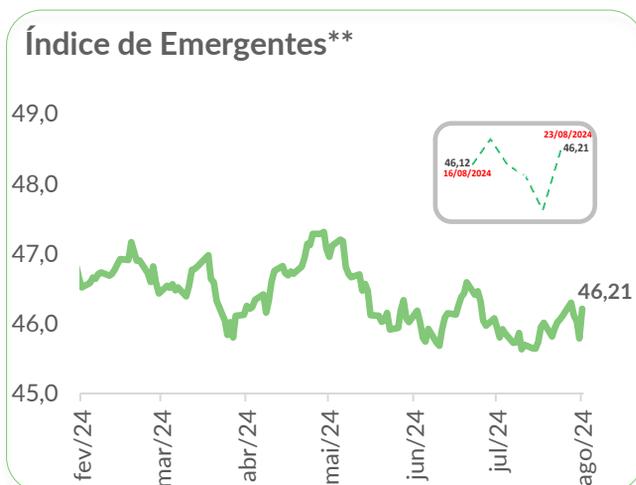
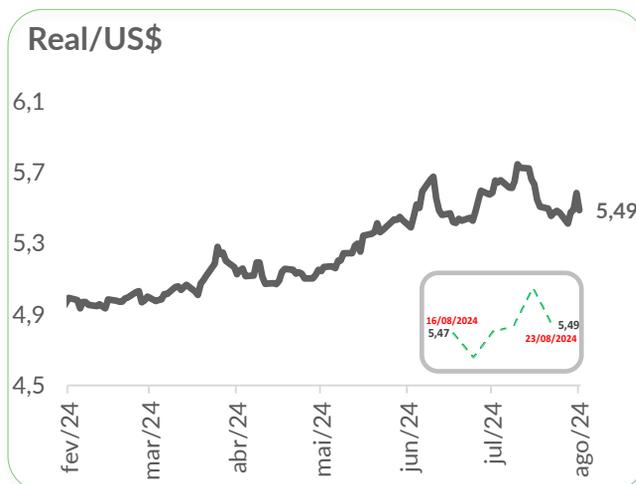
Finalizando, entre os dias 12 e 16 de agosto, o fluxo cambial total ficou negativo em US\$ - 572,0 milhões. O movimento foi puxado pela via financeira, conta em que são realizados os investimentos estrangeiros diretos e em carteira, as remessas de lucro e o pagamento de juros, entre outras operações, com a saída líquida de US\$ -935,0 milhões. Pelo canal comercial, o saldo no período foi positivo em US\$ 363,0 milhões. Em julho, o fluxo ficou positivo em US\$ 2,08 bilhões, decorrente do ingresso de US\$ 5,19 bilhões na conta comercial e a saída de US\$ -3,10 bilhões da financeira.

\*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

\*\*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

A indicação de que os juros nos EUA vão começar a cair a partir de setembro teve impacto favorável nos prêmios dos vértices de até 3 anos na Estrutura a Termo da Taxa de juros (ETTJ). Por sua vez, as taxas de curtíssimo e de longo prazo mantiveram-se em alta, diante das apostas que o BC inicie o aperto na política monetária, em função de um eventual aquecimento excessivo na atividade econômica e o cenário de inflação mais desafiador.

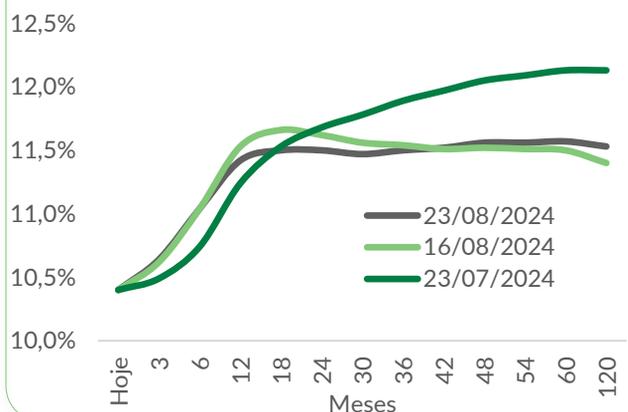
Mesmo com a melhora na percepção de risco, a aposta de aumento na Selic na reunião de setembro é majoritária no mercado de opções digitais da B3. Porém, a probabilidade de manutenção em 10,50% a.a. aumentou de 29,50% em 16/08 para 36,0% em 23/08. Por sua vez, a de uma alta de 0,25 p.p. subiu de 37,50% para 42,5% e a de uma alta de 0,5 p.p. reduziu-se 31,5% para 22,5%.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa para 3 meses aumentou de 10,62% a.a. para 10,64% a.a. e a de 6 meses permaneceu em 11,04% a.a.. Acompanhando as reduções nas taxas de juros no mercado externo, a do vértice de 1 ano passou de 11,53% a.a. para 11,42% a.a., a de 2 anos de 11,62% a.a. para 11,50% a.a. e a de 3 anos de 11,54% a.a. para 11,50% a.a.. Não aderente a esse movimento, a taxa de 4 anos subiu de 11,52% a.a. para 11,56% a.a., a de 5 anos de 11,50% a.a. para 11,57% a.a. e a de 10 anos de 11,40% a.a. para 11,53% a.a..

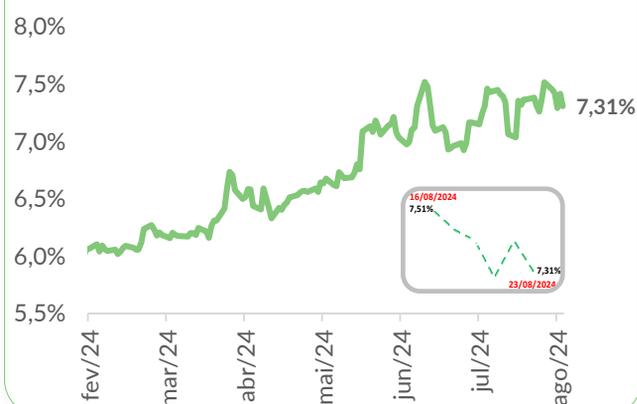
Como a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias registrou queda de -0,11 p.p. e a inflação esperada para os próximos 12 meses aumentou em 0,10 p.p., para 3,83%, a taxa real de juros *ex-ante* retraiu-se -0,21 p.p. para 7,31% a.a., mantendo-se ainda em nível restritivo, quando comparada aos 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC.

Finalizando, a inclinação da ETTJ elevou-se, com *spread* entre as taxas de juros de 10 anos e de 1 ano, negociadas na Anbima avançando em 0,32 p.p. na semana, terminando em 0,32 p.p.. Considerando a curva futura de juros da B3, o *spread* entre os mesmos prazos subiu 0,24 p.p. para 0,11 p.p..

### Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



### Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



### Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

## Arrecadação Federal – Jul/24

Em julho, a arrecadação federal alcançou R\$ 231,04 bilhões, com uma alta real mensal de 10,21% e de 9,55% em relação a jul/23. O resultado registrado foi o melhor para o mês desde o início da série histórica, em 1995. No acumulado em 2024, a arrecadação somou R\$ 1,53 trilhão, com uma elevação real de 9,15% em relação à registrada no mesmo período de 2023. Devido às desonerações tributárias, o governo deixou de arrecadar R\$ 72,3 bilhões nos 7 primeiros meses do ano, uma queda de R\$ 15,0 bilhões em comparação com a mesma base de 2023.

O resultado observado deveu-se a diversos fatores, como o comportamento das variáveis econômicas, o retorno da tributação do PIS/Cofins sobre combustíveis, a tributação dos fundos exclusivos e pela atualização de bens e direitos no exterior. A recuperação do Rio Grande do Sul (RS), após a calamidade climática em maio, também influenciou o resultado.

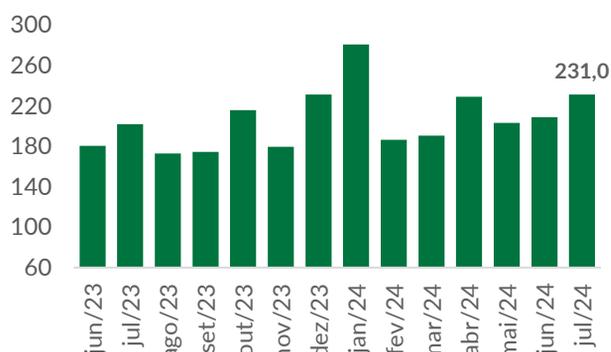
Considerando-se somente as receitas administradas pela Receita Federal, a alta real foi de 9,85% ante jul/23, somando R\$ 214,79 bilhões, enquanto a receita própria de outros órgãos federais apresentou um acréscimo real de 5,71%, totalizando R\$ 16,25 bilhões.

Como principais destaques positivos no mês, encontram-se a arrecadação com PIS/Pasep e a Cofins, que em conjunto apontou uma alta real de 21,92% em comparação com jul/23, totalizando R\$ 45,26 bilhões. Na mesma base comparativa, a receita previdenciária somou R\$ 53,56 bilhões, crescimento real de 5,94%, influenciado pela alta real de 5,81% da massa salarial. O IRPJ e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) totalizaram R\$ 52,15 bilhões, uma alta real de 6,09%.

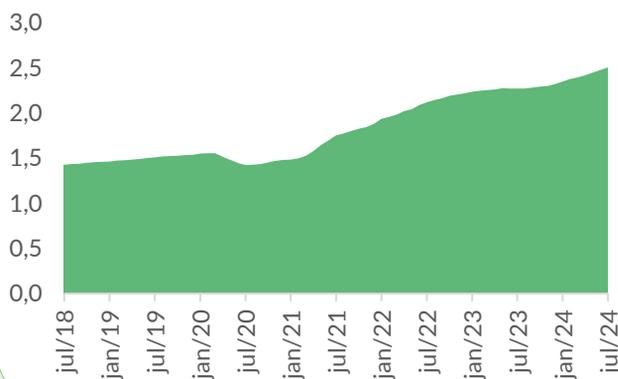
Assim, a evolução anual real dos impostos federais acumulados em 12 meses acelerou de 4,24% a.a. em jun/24 para 5,46% (1,83% a.a. em jul/23).

O relatório Prisma Fiscal estima um déficit primário de R\$ 73,5 bilhões em 2024. O governo teria que fazer um esforço fiscal adicional de R\$ 64,8 bilhões para zerar o déficit primário neste ano, calcula o Instituto Fiscal Independente (IFI).

### Arrecadação Mensal Via impostos e previdência – em R\$ bilhões



### Varição Anual Acumulado no semestre - em termos reais



### Evolução Anual Real Acumulada em 12 meses - deflacionada



Fonte: Receita Federal.. Elaboração ABBC

## ICEI- Ago/24

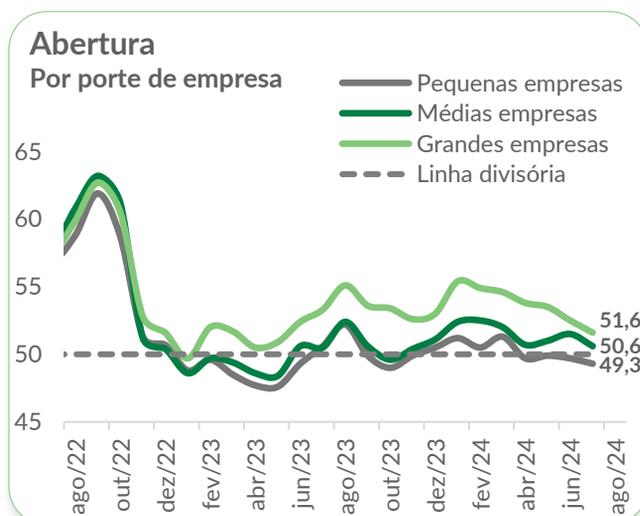
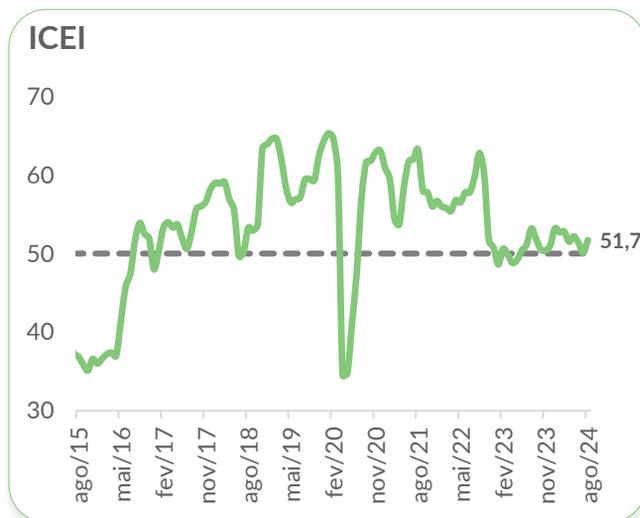
Com a retomada da produção industrial, do emprego e do faturamento, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI cresceu de 50,1 pts. em jul/24 para 51,7 pts. em agosto. Após 2 meses consecutivos em queda, o indicador transitou do estado de neutralidade para um patamar de confiança.

O crescimento foi observado em todos os componentes do índice, em maior magnitude nas condições atuais, que avançou 2,8 pts. para 47,2 pts., embora ainda mantenha-se abaixo da linha divisória de 50 pts.. Este desempenho foi resultado da melhora: (i) das condições atuais em relação à economia brasileira, com um aumento de 3,0 pts., para 40,6 pts.; e da percepção quanto à situação das empresas, com elevação de 2,6 pts. para 50,4 pts..

De forma similar, o índice de expectativas para os próximos 6 meses sinalizou um acréscimo mensal de 1,0 pt. para 53,9 em agosto. A percepção em relação ao desempenho das empresas, com alta de 0,6 pt. para 57,8 pts., também segue positiva, porém mais reservada quanto à economia, com elevação de 2,0 pts. para 46,2 pts..

Analisando-se a abertura por porte das empresas, observou-se que a confiança das de porte Pequeno mantém-se abaixo da linha divisória, em 49,3 pts., indicando um maior pessimismo. Por sua vez, as empresas Médias (50,6 pts.) e Grandes (51,6 pts.), apesar do recuo mensal, ainda se sustentam acima dos 50 pts..

Em termos prospectivos, a recuperação na confiança industrial vem ajudando a criar um ambiente favorável para os investimentos e desenvolvimento. Contudo, o setor ainda enfrenta desafios para um crescimento sustentado.



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

## ICF - Ago/24

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) da CNC voltou a se reduzir em agosto, recuando -0,1%, para 103,4 pts., na série livre de influências sazonais. O movimento decorreu devido a uma maior cautela em relação à evolução do mercado de trabalho nos próximos meses e com as condições da economia.

Dentre os 7 componentes do ICF, 3 apresentaram recuos na margem: nível de consumo atual (-0,9%); perspectiva de consumo (-1,1%) e perspectiva profissional (-0,2%). O movimento negativo foi amenizado por perspectivas mais favoráveis para o acesso ao crédito (+0,6%), momento para duráveis (+0,6%) e emprego atual (+0,4%).

Apesar de ainda situar-se em patamar positivo, o ICF vem perdendo força, desacelerando o ritmo de crescimento interanual de 23,1% em ago/23 para 15,2% em dez/23, 2,3% em jul/24 e 1,2% em agosto. Considerando a mesma comparação interanual, ocorreram os seguintes movimentos de alta: emprego atual (1,2%); renda atual (5,9%); acesso ao crédito (2,1%); nível de consumo atual (2,7%); e momento para duráveis (7,3%). Em sentido contrário, houve recuos: na perspectiva profissional (-5,9%); e na perspectiva de consumo (-2,2%).

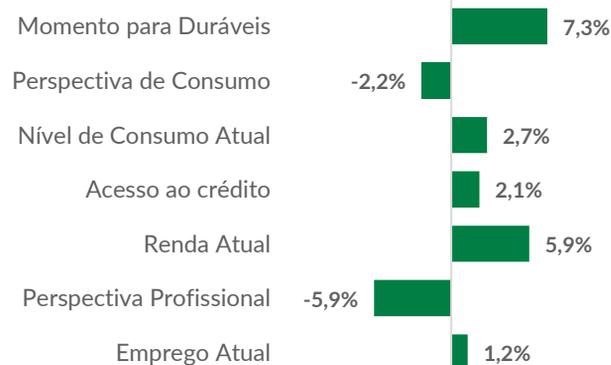
### Variação Mensal Série dessazonalizada



### Variação Interanual



### Variação Interanual Por abertura por componentes



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,2
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
<b>Setor Externo e Câmbio</b>										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,9
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,30
<b>Fiscal</b>										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,3
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



## Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -  
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688